

# Violência contemporânea, novas formas de subjetivação e de sofrimento psíquico: desafios clínicos<sup>1</sup>

Zeferino de Jesus Barbosa Rocha<sup>2</sup>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo investigar de que modo a violência contemporânea vem condicionando novas formas de subjetivação, as quais implicam em novas formas de sofrimento psíquico, que representam grandes desafios para a clínica psicanalítica de nossos dias.

Palavras-chaves: Violência, subjetivação, sofrimento psíquico, clínica psicanalítica.

## Introdução

Quando o homem moderno pensava  
que tinha as respostas para todas as questões,  
foram trocadas todas as perguntas,  
e ele se encontra, agora,  
diante de questões e de perguntas  
para as quais ainda não tem resposta.  
Eduardo Galeano

É meu propósito investigar, no presente artigo, de que modo a violência, que marca o ambiente sociocultural contemporâneo, vem condicionando novas formas de subjetivação, que, por sua vez, dão origem a novas formas de sofrimento psíquico, as quais representam um grande desafio para a clínica psicanalítica de nossos dias.

A fim de conseguir esse objetivo, destacarei, na primeira parte, algumas manifestações da violência, características do nosso cenário cultural, as quais assumem proporções que nos deixam perplexos e desamparados diante do cinismo de uma *razão técnica*, que só reconhece a ética lucro, e, dessa forma, termina nos condenando

---

1 O artigo foi primeiramente apresentado como trabalho na Reunião Científica da Associação Brasileira de Medicina Psicossomática – Regional Recife no dia 5 de maio de 2010.

2 Professor responsável pela linha de pesquisa em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco. Sócio fundador e membro honorário do Círculo Psicanalítico de Pernambuco.

a um impiedoso individualismo, indiferente às necessidades fundamentais dos que são os mais injustiçados e infelizes.

Nas partes seguintes, analisarei as novas formas de subjetivação e de identificação que estão surgindo nesse novo contexto sociocultural, cujo sofrimento psíquico exige da clínica psicanalítica atual uma renovação teórica a fim de melhor compreender as novas patologias com as quais se defronta, renovando, ao mesmo tempo, a sua capacidade de escutar os pacientes, que, ao mais das vezes, não conseguem sequer verbalizar a dor que sentem por causa da sua total falta de sentido.

Finalmente, à guisa de uma conclusão, tentarei mostrar como esta crise atual na qual estamos submersos, em vez de ser exorcizada como uma crise de desespero, deve antes ser olhada como um desafio histórico, que precisa ser superado. Para tanto, oportuno se faz não perder a esperança, que sustenta nossa disposição de luta, mesmo quando temos que esperar contra a própria esperança, não esquecendo as palavras com as quais Heráclito de Éfeso, no século VI a.C., nos advertia: “Se não se espera, não se encontra o inesperado” (Frag. n.18, apud Diels, 1957, p.25).

## I. A violência no contexto sociocultural contemporâneo

A violência sempre existiu e existirá entre os homens. Isso se deve ao fato de ela ser uma das errâncias de nossa capacidade de desejar. Ao nascer, nós não escolhemos a natureza que nos define como seres racionais, mas a existência, na qual e pela qual escrevemos a nossa própria história, esta será aquilo que dela fizermos, pois ela depende de nossa capacidade de sonhar, amar e trabalhar. O animal, porque nasce determinado a ser o que é, não corre o risco de se perder nos caminhos que lhe foram traçados pela própria Natureza. O homem, por ter nascido livre, corre este risco. A violência é uma das errâncias de sua capacidade de desejar e de sua liberdade.

Habitado pelas forças de moções pulsionais que tanto podem estar a serviço da vida e do amor, quanto a serviço da morte, o homem traz inatas tanto as tendências criadoras que dele fazem um colaborador na obra da construção do Mundo, quanto as tendências destruidoras, que o tornam igualmente capaz de aniquilar aquilo que ele próprio construiu e edificou. Quando o homem se deixa dominar por essas tendências de destruição, as obras de arte, criadas por ele para desafiar os séculos como monumentos de perene beleza (*aere perennius*), podem, em alguns segundos, serem destruídas pela fúria de sua razão enlouquecida.

### *O desejo de destruição*

Na violência, o homem não é apenas arrastado por um instinto que não pode controlar e para que o ato humano seja violento, necessário se faz que ele seja movido pelo desejo e tenha uma intenção destruidora. Como os demais atos psíquicos, esse *desejo de destruição* pode ser consciente ou inconsciente, voluntário ou involuntário, racional ou irracional; por isso a violência pode ser também racional ou irracional, voluntária ou involuntária, consciente ou inconsciente. É o *desejo de destruição* que distingue a violência dos demais fenômenos de agressividade.

O animal torna-se agressivo quando precisa defender seu território ou caçar para sobreviver, mas não mata pelo prazer de matar nem pelo desejo de destruir sua vítima, simplesmente porque ele não *pode desejar*. Ele é movido não pelo desejo, mas pela necessidade. Portanto, é o *desejo de destruição* que dá à ação agressiva sua dimensão verdadeiramente *violenta*. Por isso, propriamente falando, só pode existir violência no contexto das ações e interações humanas, que são movidas pelo *desejo* e quando esse desejo veicula intenções de destruição (Costa, 1986).

Vista nesse contexto, a violência não é um fenômeno atual e embora não tenha sido sempre olhada da mesma maneira, ela sempre existiu na História da Humanidade. E, no entanto, por mais conhecida que seja a sua natureza mais profunda sempre nos escapa e haverá de nos escapar, porquanto há um fundo de indeterminação no enigma da pulsão de morte, fonte dessas tendências destruidoras, que nenhuma representação humana é capaz de simbolizar, ou de representar e muito menos de explicar.

### *Violência no cenário cultural contemporâneo*

Para poder refletir sobre a violência, tal como ela se manifesta no cenário atual dos nossos dias, vamos lembrar as grandes linhas que caracterizam esse cenário. Hoje, quase com unanimidade, os filósofos da Cultura reconhecem que ele está sendo marcado pela dor de grandes rupturas e de grandes perdas, que afastaram o sujeito contemporâneo dos seus referenciais éticos, os quais fundamentaram a visão que antes se tinha do Mundo, do Homem e da Vida.

A perda dos referenciais simbólicos e das crenças nas verdades absolutas deu lugar a uma nova *Weltanschauung* marcada pelo *relativismo* e pelo *individualismo*. De fato, o autocentramento do eu pós-moderno levou o sujeito contemporâneo a uma exaltação da sua individualidade e, conseqüentemente, à dissipação do espírito de solidariedade. Sem mais um Deus ou um Estado para cuidar de todos, a lei da sobrevivência passou a exigir que cada um pense somente em si.

Desaparece, desse modo, o espírito de solidariedade, porquanto esta só é possível, quando o sujeito reconhece e valoriza a singularidade e a diferença do outro, como fonte de enriquecimento e de aperfeiçoamento para a sua própria subjetividade

e identidade. Mas, para o olhar do eu narcisicamente autocentrado, o outro não é outrem, mas apenas o reflexo de sua própria imagem, ou, pior ainda, deve ser excluído porque é diferente.

Ao lado dessas mudanças fundamentais que comprometem os ideais de solidariedade, surgem, no plano socioeconômico, a grande *feira do consumo* e a corrida desenfreada pelo *gozo do imediato*, como uma tentativa desesperada de compensar a ausência dos ideais perdidos. Sem perspectiva de futuro, o lema que o sujeito contemporâneo se dá é o de gozar do presente o mais que for possível.

#### *Primazia do ter sobre o ser*

Nessa cultura do consumo excessivo e imediato, subvertendo a noção de sujeito que antes era fundamentada sobre a primazia ontológica do ser, o poder econômico tem lugar de destaque, o qual, por sua vez, decreta e impõe o *primado do ter sobre o ser*. Esta nova *primazia do ter* fomenta, de um lado, um espírito de ganância e de competição exacerbados, que solapam as bases do espírito de solidariedade entre os indivíduos e entre os grupos sociais e destrói as redes de sociabilidade antes existentes, tais como: as relações familiares e as relações amorosas e, de outro lado, favorece a alienação do sujeito na hegemonia das aparências e no culto das imagens, fazendo de nossa Cultura, o que Christopher Lasch (1983) designou como “cultura do narcisismo”, Jean Baudrillard (1991) como “a cultura do simulacro” e Guy Debord (1992) como “a cultura do espetáculo”.

Nesse contexto cultural, o outro não é olhado no que tem de diferente nem de singular, mas é simplesmente reduzido a *um objeto de gozo descartável*, o que não é de admirar em um mundo, no qual o descartável vai dos copos plásticos aos ideais políticos e religiosos. Porque vive em uma sociedade de indivíduos órfãos de ideais e de verdades simbólicas, os homens contemporâneos correm atrás da sedução das imagens que lhes são impostas de inúmeros modos e, na falta de identificações verticais e estruturantes, inventam identidades que lhes permitam viver intensamente os instantes. Essas identidades são adotadas sem convicção alguma.

Na cultura tecnológica em que vivemos e na qual prevalece o primado do *ter* sobre o *ser*, o sujeito sente-se ameaçado de destruição naquilo que o constitui como singularidade e interioridade. O espírito individualista de competição – no qual o outro é um verdadeiro inimigo e, portanto, alguém que deve ser superado a todo custo – domina todas as áreas de nossa vida social e cultural: a vida econômica, o mercado de trabalho, a vida acadêmica, a vida de magistério, a vida esportiva, o mundo empresarial, o mundo artístico, e assim por diante. E esta é uma das características marcantes da nossa realidade social.

Trata-se de um autocentramento desprovido de interioridade que se caracteriza pelo excesso de exterioridade e de exibicionismo, instituindo, assim, a hegemonia

da aparência, na qual o sujeito contemporâneo vale pelo que *parece ser*, e não por aquilo que verdadeiramente *é*. Quando os homens perdem de vista seus ideais e o sentido da solidariedade, quando um comodismo egoísta e um egoísmo comodista destroem o sentimento das responsabilidades sociais, quando domina a apatia política e se generaliza o descrédito na liderança daqueles que nos governam, está irremediavelmente preparado o terreno para as mais terríveis formas de violência. Neste contexto, a cultura da violência facilmente degenera, como destacou Costa (1986), em uma “*cultura da delinquência*”.

#### *Violência e delinquência*

De fato, o delinquente vê o seu eu inflado pelo poder ilusório de uma pseudo-onipotência imaginária e, como todo ideal ilusório, o eu narcísico do delinquente fecha-se nas suas ambições e não leva em consideração as exigências da realidade, nem os limites que à sua liberdade coloca a liberdade do outro. Trata-se de um modo de subjetividade inteiramente fechado, sem nenhuma consideração para os direitos nem para os apelos da alteridade. O delinquente não tem Lei porque ele é a sua própria Lei. Uma confirmação disso nos é dada, todo dia, no modo arrogante e cínico como ele atua, não só roubando, mas humilhando e torturando suas vítimas.

#### *Violência e corpo*

Em nossa sociedade atual, a violência exerce seu poder de domínio, de modo especial, sobre o corpo. Paradoxalmente, ele nunca foi tão exaltado e, ao mesmo tempo, tão violentado como na sociedade em que vivemos. Para seduzir os consumidores, ele e, sobretudo, o corpo feminino, são superexpostos ao olhar de todos com todo o seu poder de fascínio e de sedução. Constrói-se, então, um ideal de beleza, em nome do qual o corpo é submetido a verdadeiras torturas, e a maior delas é que o ideal seja feito de modo a jamais poder ser atingido.

Quando é assim violentado, o corpo não é apenas invadido por um excesso de estímulos, cuja resolução, somente uma ab-reação adequada poderia assegurar, mas é invadido pela pulsão de morte, expressão do imenso poder de agressão e de destrutividade da *sexualidade desligada* e do gozo sem limites. A angústia que o eu experimenta, quando é assim violentado, é a angústia da morte.

#### *Fragmentação dos laços afetivos*

A violência contemporânea tem também consequências sobre os laços afetivos e amorosos. Refiro-me ao que Bauman (2003), no seu estudo sobre a pós-modernidade, chamou de “amor líquido”. Com esse nome, ele se refere às fragilidades dos laços afetivos que dominam a nossa sociedade atual. Nela, destacam-se os “amores nômades”, vale dizer, os amores sem obrigações nem compromissos. Não é difícil

perceber que esse estado de coisas se deve acima de tudo à fragilidade e à precariedade das identificações do sujeito contemporâneo.

No livro sobre a *Identidade*, o mesmo Bauman (2005) afirma que estamos perdendo cada vez mais a capacidade de estabelecer interações espontâneas com pessoas reais, e que, por este motivo, dominam, hoje, as relações virtuais. E isso estende-se também ao mundo das relações amorosas. Além do mais na sociedade capitalista em que vivemos, os empregadores capitalistas não se queixariam dos operários sem laços afetivos, pois, assim, eles seriam mais capazes de aceitar qualquer tarefa e se tornariam, na feliz expressão de Siqueira (2009), “surfistas capazes de deslizar na crista de qualquer onda”.

Na verdade, esses vínculos frágeis dão lugar à dura realidade de vidas partidas, sem amor e sem perspectivas que lhes garantam um futuro. Não é de estranhar que a depressão seja, então, o resultado de semelhante situação. Como não se tornarem depressivos os sujeitos destituídos de futuro, de expectativas e de compromissos? Quando assim se procede, necessariamente se perde a confiança em um projeto de vida duradoura.

Desses vínculos frágeis, exemplificados no célebre “ficar” contemporâneo, o efeito mais dramático é a solidão ou o isolamento. Bauman (2003) relaciona essa instabilidade dos compromissos ao consumismo que não admite postergação à experiência de satisfação. O que não é de estranhar, pois na “modernidade líquida” os freios institucionais são substituídos pelos desejos singulares.

Que isso nos baste para caracterizar a violência que vem marcando o contexto sociocultural da contemporaneidade. Vejamos, agora, que *novo tipo de sujeito* e que *novas formas de sofrimento psíquico* estão surgindo dessa situação e que *desafios* eles representam para a clínica psicanalítica.

## II. Novas formas de subjetivação e de sofrimento psíquico

É unânime, nos meios psicanalíticos, a convicção de que a subjetividade não se constrói, apenas, no jogo dos processos intrapsíquicos. O nosso mundo interior intrasubjetivo não é imune aos acontecimentos que se passam fora dele, vale dizer, no contexto sociocultural em que estamos inseridos. E isto tem uma influência decisiva não só na construção e formação da subjetividade, mas pode também concorrer para sua desestruturação.

Não é de estranhar, pois, que, nesse novo contexto, surjam *novas formas de subjetivação*, ou, como disse Charles Melman (2003), “uma nova economia psíquica” e que, nesta nova economia psíquica, a “perversão” figure como se fosse uma “norma

social”, ou o que é ainda mais inquietante, como se desempenhasse o papel de um “modelo identificatório”.

Robert Dufour (2005), por sua vez, referindo-se a esse sujeito contemporâneo fala de um “esvaziamento subjetivo” e afirma que ele perdeu a sua capacidade de se pensar como sujeito. O novo *sujeito psíquico* é um *ser sem consistência interior*, entregue a si próprio, uma vez que perdeu as referências essenciais nas quais antes se ancorava. Entregue a si mesmo, ele já dá provas daquilo que Alain Ehrenberg (1998) chamou: *la fatigade d’être soi*, vale dizer, *a fadiga de ser si mesmo*.

Tendo perdido seus referenciais identitários, órfão de ideais e de modelos identificatórios, o sujeito contemporâneo corre atrás dos modelos que lhe são oferecidos e impostos pela mídia e pela moda. Ora, sob o peso das exigências de rendimento e de sucesso que esses modelos impõem aos seus fãs, o sujeito contemporâneo debate-se com inúmeras novas formas de sofrimento psíquico, entre as quais vamos destacar a depressão.

#### *Um estilo de ser depressivo*

Talvez seja a depressão o sintoma mais característico do homem na situação contemporânea, em virtude da incapacidade em que ele se encontra de elaborar suas perdas. Dir-se-ia que o sujeito de hoje caracteriza-se por um “estilo de ser depressivo”, pois para elaborar as perdas ele precisaria de um suporte familiar e sociocultural que hoje lhe falta. Sem este suporte, ele não consegue fazer uma simbolização adequada da falta e, sem o luto da perda, é impossível criar o espaço, onde novos investimentos poderiam ser feitos.

De outro lado, Alain Ehrenberg (2000) mostra que a depressão contemporânea é nutrida pela falta de estímulo e de força para responder às diversas demandas com as quais o indivíduo se vê confrontado. A depressão torna-se, assim, a patologia de uma sociedade na qual a norma não é mais fundada sobre a disciplina e a culpabilidade, mas sobre a responsabilidade e a iniciativa, e na qual a dor moral é, de certo modo, substituída pela apatia.

O que torna o homem contemporâneo depressivo não é tanto a culpa oriunda de conflitos não resolvidos ou mal-resolvidos, mas o *sentimento de insuficiência*, diante das exigências muito elevadas de *desempenho* que lhe são impostas, tanto no plano da estética da existência, quanto no plano do rendimento profissional. O que angustia o depressivo de hoje não é “saber o que é, ou não é, permitido fazer”, mas “saber o que é possível fazer e não ser capaz de fazê-lo”. A depressão torna-se assim *uma patologia da insuficiência* mais do que *uma patologia da frustração* ou da *culpa*. Além do mais, tendo o grande Outro social perdido os seus atributos simbólicos, ele se tornou um superego cruel e tirânico, que desculpabiliza o sistema e culpabiliza o indivíduo por causa de sua incompetência.

Pode parecer estranho falar-se de uma “patologia da insuficiência”, quando se trata do sujeito contemporâneo, uma vez que nos acostumamos a pensá-lo como um sujeito narcísico, centrado em si mesmo e indiferente às demandas dos outros. Todavia, como já foi dito, este autocentramento é desprovido de interioridade e, por isso, constantemente *se exterioriza no fascínio das aparências* para poder gozar da admiração dos outros.

Nessa nova forma de economia psíquica do sujeito contemporâneo, o desejo que é sempre revelador da falta, é substituído, como já tivemos oportunidade de dizer, pelo gozo sem limites dos prazeres excessivos e imediatos. E como desapareceram os referenciais simbólicos, o homem contemporâneo é cada vez mais exposto ao impacto traumático desses estímulos e excitações, que se descarregam na realidade de seu corpo.

E temos, assim, ao lado dos depressivos, os sujeitos panicados e a grande legião dos drogados, dos anoréxicos e dos portadores de doenças psicossomáticas. Todos eles, a seu modo, descarregam no corpo a carga excessiva dos estímulos que não puderam elaborar psiquicamente por causa da pane simbólica que os domina.

### III. Desafios clínicos

Em um mundo, como o nosso, no qual predomina o espírito tecnológico da produtividade para atender às demandas do consumo do modo mais rápido possível; em um mundo onde as distâncias são cada vez mais reduzidas e no qual a velocidade e a rapidez vão se tornando, no mercado, critérios de preferência e de escolha; em um mundo assim, não resta muita chance para uma terapia, cujo pressuposto básico é a não preocupação com o tempo, porquanto sua eficácia é marcada pelo ritmo de uma outra temporalidade, a do tempo interior próprio de cada cliente que é uma modalidade de tempo totalmente diferente do tempo cronológico; em um mundo em que a técnica está cada vez mais desumanizando o humano, qual a chance de uma terapia, cuja finalidade é modificar estruturalmente as pessoas, a fim de que elas possam assumir seus desejos e construir um estilo para suas existências? Pois bem, em um mundo assim, não é de admirar que a Psicanálise e a clínica psicanalítica estejam perdendo o seu prestígio. Mas, nem por isso, dela podemos prescindir.

Portanto, levando isso em consideração e para fazer face e se confrontar com os desafios que a contemporaneidade levanta, a psicanálise e particularmente a clínica psicanalítica devem ser capazes de repensar muitos aspectos de seu arcabouço teórico e de sua escuta clínica.



E para tanto, mister se faz olhar a psicanálise como uma forma de *saber em evolução* e não como *um saber sistematizado e estabelecido*. Uma teoria sempre “aberta à revisão” (como queria Freud) para poder atender às exigências da clínica, que ela também muda segundo o contexto sociocultural em que está inserida.

Breve, ver a psicanálise como uma teoria que sempre está se transformando e não como uma doutrina dogmática imposta por um mestre, cujos discípulos nada mais têm a fazer senão repetir o que ele disse. Repensar a teoria é ter coragem de trabalhar não só o que a Psicanálise diz sobre as novas patologias da contemporaneidade, mas também perguntar o que essas patologias têm a dizer à Psicanálise, no sentido de ajudá-la a repensar seu arcabouço teórico.

Além disso, a psicanálise, para responder aos desafios contemporâneos, deve repensar seu modo de escuta para melhor acolher o grande número de clientes, que a procuram esmagados pelo enigma de uma dor que eles não sabem dizer o que é, porque não podem representá-la por meio das palavras. Para que esta escuta seja mais acolhedora, não basta levar em consideração apenas as histórias individuais dos clientes, mas o entorno social e cultural nos quais eles vivem. Mais do que interpretar os sintomas e os sonhos e todas as formações do inconsciente, necessário se faz criar novos sentidos, ou melhor, abrir, pela interpretação e pelo trabalho das representações (*Vorstellungen*) o espaço onde o Inconsciente possa fazer suas representações (*Darstellungen*), abrindo, ao mesmo tempo, o campo da criatividade, no qual o cliente possa assumir os projetos de seus desejos e se empenhar na realização de seus sonhos.

No mundo contemporâneo, o imaginário social também não é mais o mesmo. Faço minha a pergunta de Da Poian (1999): se o Inconsciente é o outro e se produz na confrontação do campo do real e do social, que será o inconsciente amanhã nesse mundo do produtivismo e do consumo, de tanto individualismo e de tão pouca solidariedade, nesse mundo do vazio interior e do colapso das identidades e do fascínio das palavras vazias?

Portanto, o grande desafio clínico que nos aguarda é levar o sujeito que nos procura, dominado pelo excesso da dor, a inventar uma nova maneira de ser, a partir das experiências vividas nas situações, que marcam a trajetória de seu existir no Mundo. Ou, dizendo de outro modo, o grande desafio clínico é dar sentido à dor do não sentido. Para tanto, o analista escuta(dor) e cuida(dor) tem que se confrontar com o não-representável, esperando pacientemente que ele se torne possível de nomeação. E isso não poderá ser conseguido, se ele não acreditar na linguagem potencial do sofrimento.

E que me seja, então, permitido lembrar, mais uma vez, o trágico Êsquilo (1982) que cunhou a expressão que se tornou clássica: *páthos máthos*, vale dizer, sofrer e aprender. Assim olhado, o sofrimento revela que se, por um lado, nosso ser

é marcado pela contingência dos limites, do nada e da morte, por outro, ele não é menos aberto para o extraordinário milagre da vida.

#### IV. À guisa de uma conclusão

Anunciei, no início, que, no fim do artigo à guisa de uma conclusão, tentaria mostrar como a crise que nos domina, constituída pelas novas formas de subjetivação e de sofrimento psíquico condicionadas pela violência contemporânea, não é necessariamente uma *crise de desespero*, pois nosso momento histórico atual é um momento de *desafio* e de *esperança*. Sendo o ser humano, na sua realidade ontológica, um ser capaz de pensar a questão do seu ser e de seu agir, segue-se que ele não está irremediavelmente preso a nenhum momento histórico e deve, como lembra Oliveira, M. (2001), assumir os desafios de superação diante dos obstáculos que a vida e a história lhe oferecem.

Talvez, a esse propósito fosse oportuno lembrar o que Heidegger (2001) ensina quando define o *Dasein* – o ser-aí laçado no mundo – como um *Seinkönnen*, vale dizer, como um *poder-ser*. Antes que uma realidade determinada, o ser humano é um conjunto de possibilidades que estão sempre abrindo perspectivas para novos horizontes de conquistas, por meio das quais o homem realiza seu projeto existencial no Mundo.

E como este conjunto de possibilidades é fundamentalmente constituído pela temporalidade, enquanto houver tempo, ele não termina jamais de se atualizar. Nenhuma situação de desamparo, por mais difícil que seja, poderá esgotar esse conjunto de possibilidades que nos define. Só a morte – “a possibilidade da impossibilidade” – pode pôr um fim a esse poder-ser que é o *Dasein*, enquanto ser no mundo. Se este é nosso fundamento ontológico, compreende-se que seja a esperança que sustenta nossa capacidade de sonhar, alimenta as fantasias de nossos desejos e cria nossos projetos de amanhã.

Em nossa realidade histórica, a *consciência ecológica*, nacional e internacionalmente imposta como absolutamente necessária para salvar nosso planeta da destruição, ajuda-nos a sustentar essa atitude de esperança. Foi preciso que chegássemos ao extremo da deterioração do meio ambiente e que os físicos e cientistas nos advertissem do risco que estamos correndo, para que essa consciência ecológica conquistasse simpatia e adesão internacionais. Não poderia acontecer o mesmo com a nossa consciência moral?

Se formos capazes de pensar um novo *éthos* para nossa civilização, um *éthos da cooperação* no lugar desse triste *éthos da competição* que nos tiraniza, a crise social

e política poderá adquirir a dimensão de uma crise de esperança e esperança não é esperar, mas caminhar na direção de novos horizontes e de novos ideais. Pouco importa que eles não estejam sempre ao nosso alcance. O importante é caminhar. Mas, como disse o poeta Mário Quintana: “que tristes os caminhos, se não fora a presença das estrelas”.

### Violencia contemporánea, nuevas formas de subjetivación e sufrimiento psíquico: sus desafíos clínicos

Resumen: este artículo pretende investigar cómo la violencia contemporánea ha estado produciendo nuevas formas de subjetivación, que, a su vez, implican nuevas formas de sufrimiento psíquico, que plantean grandes desafíos a la clínica psicoanalítica de nuestros días. Palabras clave: violencia, subjetivación, angustia, clínica psicoanalítica.

### Violence contemporary, new forms of subjectivation and psychic suffering: their challenges clinics

Abstract: The present article has the aim to investigate the way that the contemporary violence is producing new forms of subjectivation, that imply new forms of psychic suffering, which represent big challenges to the clinics of our days.

Keywords: Violence, subjectivation, psychic suffering, psychoanalytic clinics.

## Referências

- Bauman, Z. (2003). *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2005) *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2005b) *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2007). *Vida de consumo*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Birman, J. (1997). Sobre o mal-estar na Modernidade. In J. Birman, *Estilo e Modernidade em Psicanálise*. São Paulo: Editora 34.
- Birman, J. (2001). *O mal-estar da atualidade. A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. (3ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Costa, J.F. (1986) *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal.
- Costa, J.F. (1997). A ética democrática e seus inimigos. O lado privado da violência pública. In F. Betto, E. Barba e J. F. Costa, *Ética*. Rio de Janeiro/Brasília: Garamond / Codeplan.
- Da Poian, C. (1999) O futuro da Psicanálise. In *Pulsional. Centro de Psicanálise, IX* (81), pp. 25-28. São Paulo: Livraria Pulsional.
- Da Poian, C. (2001). A psicanálise, o sujeito e o vazio contemporâneo. In C. Da Poian, (org.). *Formas do Vazio. Desafios ao sujeito contemporâneo*. São Paulo: Via Lettera.
- Debord, G. (1992). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Dufour, D. R. (2005). *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultra-liberal*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Ehrenberg, A. (2000). *La fatigue d'être soi: dépression e société*. Paris: Odile Jacob.
- Heidegger, M. (2001). *Sein und Zeit* (Achtzehnte Auflage). Tubingen: Max Niemeyer Verlag. *Ser e Tempo* (1999) (M. M. Cavalcanti, trad.) Petrópolis: Vozes.

- Diels, H. (1957). Heráclito de Éfeso. *Fragmentos*. In H. Diels, *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Hamburg: Rowohlt.
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. (E. Pavareli, trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Lipovetisky, G. (2002). *La era del vacío*. Barcelona: Anagrama.
- Lipovetisky, G. (2004). *Les temps hypermodernes*. Paris: Grasset.
- Melman, C. (2003). *L'Homme sans gravité*. Paris: Denoel.
- Oliveira, M. A. de (2001). *Desafios éticos da globalização*. São Paulo: Paulinas.
- Siqueira, E. A. De (2009). *O estatuto das identificações em sujeitos com marcas e alterações corporais*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco.

Zeferino de Jesus Barbosa Rocha  
Rua Conselheiro Portela, 139, ap. 502 | Espinheiro  
52020-030 Recife, PE  
Tel: 81 3244-7647  
zephyrinus@globo.com